



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ARUSKY ARIANY FAUSTINO DA SILVA

O PSICÓLOGO NA REALIDADE ESCOLAR.

Juazeiro do Norte
2019

ARUSKY ARIANY FAUSTINO DA SILVA

O PSICÓLOGO NA REALIDADE ESCOLAR

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.
Orientador: Dra. Emília Suitberta Oliveira Trigueiro

Juazeiro do Norte
2019

O PSICÓLOGO NA REALIDADE ESCOLAR

Arusky Ariany Faustino da Silva¹
Emilia Suitberta de Oliveira Trigueiro²

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de discutir a atuação do psicólogo no contexto escolar, mediante a investigação da evolução da Instituição Escolar no contexto mundial, identificando as adaptações a qual a psicologia passou para buscar uma inserção na escola de maneira mais próxima às suas necessidades, além de analisar as influências do saber psicológico na realidade escolar. O referencial teórico está dividido em quatro capítulos. No primeiro buscou-se discutir sobre a instituição escolar desde sua gênese e sua resposta a uma demanda social da época, passando por sua evolução até a modernidade; em seguida fez-se uma contextualização sobre a psicologia escolar, em como se deu seu surgimento e percurso histórico até a contemporaneidade; no terceiro tópico apresenta-se as dificuldades enfrentadas pelos psicólogos na realidade escolar e no quarto realiza-se um aporte das contribuições da psicologia para o ambiente escolar. Essa pesquisa possui metodologia de abordagem qualitativa, se caracteriza como exploratória cujo método de coleta de dados é eminentemente bibliográfico. Diante do problemática, conclui-se que o campo escolar é um desafio complexo para os profissionais de psicologia diante das suas limitações nas grades curriculares e pesquisas, contudo já observou-se modificações na sua forma de atuação, deixando de lado o saber restrito a clínica e passando a voltar-se para o contexto e aos atores pertencentes a comunidade escolar, contribuindo para o desenvolvimento dos mesmos e conseqüentemente do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Escola. Psicologia Escolar. Psicologia Educacional. Contexto Escolar.

ABSTRACT

The present study aims to discuss the performance of the psychologist in the school context, through the investigation of the evolution of the school institution in the world context, identifying the adaptations to which psychology went to seek an insertion in the school of Way closer to their needs, besides analyzing the influences of psychological knowledge in the school reality. The theoretical framework is divided into four chapters. The first sought to discuss the school institution since its genesis and its response to a social demand of the time, going through its evolution to modernity; Then there was a contextualization about the school psychology, in how it gave rise and historical trajectory until contemporaneity; The third topic presents the difficulties faced by psychologists in the school reality and in the fourth is a contribution of the contributions of psychology to the school environment. This research has a methodology of qualitative approach, characterized as exploratory whose method of data collection is eminently bibliographical. In view of the problem, it is concluded that the school field is a complex challenge for psychology professionals in view of their limitations in the curriculum and research, but there have been changes in their way of acting, leaving aside the knowledge Restricted to the clinic and turning to the context and the actors belonging to the school community, contributing to the development of the same and consequently the teaching-learning process.

Keywords: school. School Psychology. Psychology Educational. School context.

1. INTRODUÇÃO

A educação consta em uma problemática que sempre está nas pautas políticas, sociais e econômicas em nossa sociedade. Há diversas críticas a sua atual situação,

¹ Graduanda em Psicologia no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). E-mail: aruskyariany12@gmail.com

² Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Psicóloga formada pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: emiliatrigueiro@hotmail.com

onde alguns defendem mudanças em seus paradigmas tradicionais que para muitos teóricos necessitam ser revistos, pois houveram significativas mudanças no seu público alvo no decorrer da história, e assim, o aluno de décadas atrás não é o mesmo encontrado hoje. Diante disso, esse trabalho tem sua relevância social e acadêmica em problematizar a situação da escola na contemporaneidade e como o psicólogo nesse contexto pode auxiliar nesse processo de mudança.

Para a classe de profissionais de psicologia, faz-se necessário definir a sua práxis nesse contexto, pois por muito tempo a sua atuação se viu muito solta e deturpada diante da sua prática inicial, eminentemente clínica e restrita simplesmente ao diagnóstico das dificuldades do aluno no seu desenvolvimento de ensino-aprendizagem, o que ocasionou o encadeamento de rotulação e disseminação da ideia de fracasso escolar sendo atribuída exclusivamente ao aluno e não co-responsabilizando os demais atores que permeiam essa realidade e que tem a atuação diretamente implicada nesse processo.

Após muitas críticas a essa aplicação do saber psicológico no contexto escolar, houve uma mudança tanto na visão como na compreensão da atuação do psicólogo nesse ambiente, o que antes se reduzia ao diagnóstico e aplicação de testes para identificar o aluno problema, o psicólogo ampliou o seu leque de ação e atuação, fazendo uso de teorias como desenvolvimento, aprendizagem, processos psicológicos que podem contribuir de maneira mais ampla e profunda na intervenção diante dos fenômenos que emergem nesse campo, tão desafiador e instigante para os profissionais não só da psicologia, mas das demais áreas que buscam contribuir não só para uma boa educação, mas para a formação de cidadãos críticos e autônomos, e que possam utilizar do seu conhecimento para mudarem suas realidades, enquanto sujeitos ativos e agentes de mudança.

Assim a psicologia escolar busca intervir na instituição e nas relações que perpassam a realidade. O psicólogo tem sua atuação voltada para intervenção no contexto escolar, abarcando os fatores que confluem e influenciam esse espaço psicossocial. Tendo com uma das suas principais missões, a de diagnosticar não o aluno problema, mas sim, demandas de ordem gerais e específicas que permeiam a escola, atuando na mediação para solução de demandas de forma conjunta com os demais atores da comunidade escolar.

O presente estudo tem por objetivo discutir sobre a atuação do psicólogo no contexto escolar. O que se tornou viável pela investigação de como ocorreu a gênese

e evolução da instituição escolar no decorrer da sociedade; identificando como se deu a inserção da psicologia nesse contexto e sobre o seu processo de adaptação nesse novo campo de atuação, além da análise da contribuição do saber psicológico no contexto escolar.

O referencial teórico está subdividido em três tópicos: o primeiro apresenta a instituição escolar, em sua criação e relevância social, com seus objetivos e evolução histórica; o segundo capítulo expõe sobre a psicologia escolar, em especial o papel do psicólogo nessa realidade, e o terceiro tópico da fundamentação traz consigo a contribuição da psicologia para o ambiente escolar com todas as suas particularidades.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa segue uma abordagem qualitativa que possibilita ao pesquisador explicar e analisar fenômenos que não são passíveis de serem quantificados, tais como: crenças, valores entre outros (LAKATOS; MARCONI, 2003). Configura-se também sendo de cunho exploratório, segundo Mendonça (2011) proporciona ao pesquisador uma maior profundidade sobre a temática a ser abordada mediante as informações que estão à disposição pelas mais variadas vias de coleta.

Caracteriza-se como uma pesquisa exploratória que possui enquanto finalidade, viabilizar ao pesquisador(es) um maior conhecimento sobre o objeto de estudo mediante dois vieses: explicitá-lo ou inferir hipóteses. Possuindo uma maior adaptabilidade em comparação com as demais, isso porque esse tipo de pesquisa abarca os mais diversos aspectos do fenômeno em questão (GIL, 2002).

O método de coleta de dados é bibliográfico, que para Marconi e Lakatos (2003) tem a finalidade de alcançar uma maior familiaridade com o tema da pesquisa, através do levantamento bibliográfico de publicações impressas e/ou eletrônicas. Além de consistir da obtenção de dados através de fontes secundárias, utiliza como fontes de coleta de dados materiais publicados, como: livros, periódicos, revistas, jornais, teses entre outros.

Enquanto critérios de inclusão foram utilizados materiais de origem impressa e digitais como: livros, artigos, anais nas bases digitais: Pepsis, Abrapae, Scielo e Google Acadêmico com as palavras-chave: psicologia escolar, escola. Já os critérios

de exclusão se puseram em análise os materiais que não se encaixavam nas palavras-chave acima citadas.

Após a organização dos materiais realizou-se a análise dos dados levantados, com o objetivo de estabelecer variáveis relacionais entre o objeto de estudo e demais fatores situacionais que o influenciam, buscando assim, um significativo aprofundamento sobre os mais variados aspectos do fenômeno pesquisado (PRODONOV & FREITAS, 2013). A técnica utilizada para análise dos dados foi a análise de conteúdo, a qual é característica das ciências sociais, a qual busca viabilizar a categorização, classificação de temáticas pertinentes há algum estudo específico permitindo assim, compreender o fenômeno do discurso a partir de documentos escritos e audiovisuais (RICHARDSON, 1999).

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

O ser humano durante sua vida integra vários grupos e instituições, essas que vão servir de alicerce para a formação da sua personalidade, repertório comportamental, moral, ético entre outros. Diante disso, a escola enquanto uma das instituições fundamentais para o desenvolvimento do sujeito tem por função principal, socializa-lo, além de apresentar-lhe a cultura, regras e valores morais pertencentes aquela sociedade que foram acumulados durante a história e que são transmitidos de geração em geração para a vida em comunidade. Contudo, no início esse conhecimento não era universal, reservado apenas para membros das famílias nobres para manutenção dos seus poderes e não havia a instituição escolar como se apresenta atualmente (TRIGUEIRO, 2016).

Nas primeiras sociedades humanas não existia uma instituição educacional especializada como a escola, pois eram os adultos que ensinavam as crianças a partir de suas experiências de vida, ou seja, existia uma educação familiar baseada em suas experiências práticas que eram passadas de geração para geração. Na idade média houve a criação de espaços específicos para essas atividades educativas, mas eram destinadas apenas para as elites aristocráticas baseadas em doutrinas religiosas. Assim, pode-se observar que nesse período, a igreja católica detinha o poder do

conhecimento, a qual era repassado apenas para os jovens como clérigos e monges (VEIGA, 1995; SOUZA, 2006-2009).

Outro fato interessante sobre a educação nesse tempo, é que as escolas não eram abertas para todas as pessoas independentemente da idade e/ou dividida em níveis/séries como a conhecemos. Eram locais que apenas os jovens frequentavam, ou seja, as crianças não tinham espaço nessa instituição até meados do século XVII. Essa falta de interesse na educação de crianças se deu pelo fato da alta taxa de mortalidade infantil, por tanto o entendimento que não se deveria investir tanto em um grupo em que poucos conseguiriam progredir na vida e conseqüentemente na educação. Posteriormente essa concepção mudou, devido ao avanço na higienização na sociedade, isso devido a contribuição da educação da população que passou a realizar os cuidados mínimos com a higiene do local de moradia e pessoal, evitando doenças e epidemias que assolavam a população com frequência. Assim a mortalidade infantil regrediu em suas taxas e houve um incentivo para inclusão desse público nas escolas (TRIGUEIRO, 2016).

Posteriormente com a revolução do século XIX a educação foi em tese universalizada por conta da industrialização que deslocou o local de trabalho de casa para a fábrica e demandava uma jornada de trabalho intensa, e os filhos dos trabalhadores não tinham com quem ficar. Diante dessa necessidade, se estruturaram as instituições escolares como se conhecem na contemporaneidade com o objetivo de educar e capacitar nova mão de obra para a sociedade em desenvolvimento que com a implantação das máquinas exigia trabalhadores com habilidades e competências para operá-las (VEIGA, 1995; SOUZA, 2006-2009).

De acordo com Pereira (2014), a escola como Instituição social surgiu mediante a escola popular na Revolução Francesa a partir da necessidade por conta da industrialização, tendo sua gênese em abarcar tal demanda social com a finalidade de preparar os adultos para desenvolverem as atividades. Pois nesse novo contexto mundial, havia a necessidade de sujeitos capacitados para manusearem as máquinas nesse novo modelo de produção.

Uma das organizações sociais fundamentais para o sujeito é a escola, diante do seu papel de repassar a cultura, modelos sociais, educar o sujeito e mediar sua inserção social, ou seja, enquanto uma organização socialmente construída para que o mesmo aproprie-se de tais modelos e valores transmitidos pela escola e passe a cada vez mais ser um sujeito autônomo e social. Portanto, a escola busca cultivar o

indivíduo, criança, adolescente ensinando-o para que ele possa se desenvolver e ser um sujeito transformador socialmente (BOCK, 2008, SOUZA, 2009).

A escola pós revolução industrial, ou seja, a escola contemporânea encontra dificuldades em sua metodologia, didática, por conta da sua resistência em realizar esse processo de educação baseado na cultura industrial. A qual na época se preocupava em capacitar as crianças, adolescentes para mão de obra das fábricas, contudo, a realidade atual é bem diferente e não se busca mão de obra braçal como antes, e sim a capacitação de seres pensantes e críticos (PEREIRA, 2014).

Para Jesus *et al* (2014) a escola não se modificou para abarcar as mudanças no mundo decorrentes dos avanços científicos e tecnológicos, as novas estruturas das relações culturais contemporâneas, as quais devem ser absorvidas por tal instituição para se ter uma compreensão mais ampla e profunda sobre o seu novo público que passou por transformações significativas no modo de pensar e agir socialmente, demandando novas estratégias e intervenções diante de suas novas necessidades na construção do conhecimento que possibilite esses atores social participarem mais ativamente e criticamente da sua realidade.

Ante a essa mudança na demanda social, a escola se tornou deficitária às novas exigências da modernidade, e tem refletido diretamente na incapacidade na capacitação dos jovens, pois aquela sociedade na qual surgiu e tinha o objetivo decorrente da sua necessidade, não é mais a mesma, pois possui novas necessidades a qual não está conseguindo suprir diante do modelo industrial ainda utilizado (PEREIRA, 2014). Essa é umas das principais críticas levantadas atualmente, relacionadas as normas rígidas, modelo de avaliação restrito, hierarquização vertical nas relações e falta de uma visão particular, individualizada para os alunos, além da disposição das disciplinas que estão baseadas em aspectos da era industrial (FREIRE, 1979; FINO, 2011).

Ainda no que concerne as críticas ao modelo atual de ensino, está na visão reducionista de que o processo de ensino-aprendizagem é restrita a escola, desvalorizando, assim, a experiência extraescolar que é desempenhada por outras instituições como a família, igreja, e outros grupos os quais o sujeito participa, pois a visão que ainda se tem sobre o aluno é que o mesmo é um recipiente que precisa ser preenchido de informações pelo professor, sendo que a nova perspectiva da educação exposta por Paulo Freire, um teórico de relevância significativa sobre a educação de referencial não só nacional, mas internacional, além da declaração de

Bolonha que coloca o aluno como papel central no processo de ensino aprendizagem, e não o professor, e esse busca auxiliar o aluno enquanto mediador no processo de ensino-aprendizagem, pois cada um tem seu tempo e formas para transformar a informação em conhecimento (FREIRE, 1987).

O desafio que põe a escola a prova na atualidade é que ela se adapte ao novo aluno e conseqüentemente as novas demandas sociais, as quais refletirem em uma percepção mais acentuada sobre o descompasso atual entre escola e sociedade, pois sua grade curricular não está condizente com a nova conjuntura da sociedade em que movimentos influenciaram em novas identidades culturais, públicos diversos provenientes da disseminação das tecnologias da informação demandando da escola maior flexibilidade, dinamismos para incluir esses novos fenômenos sociais (FREIRE, 1979; PEREIRA, 2014).

3.2. A PSICOLOGIA ESCOLAR

Uma área que vem buscando ajudar a compreender e mudar essa realidade com o decorrer de sua estruturação e reconhecimento enquanto ciência é a Psicologia Escolar, esta busca intervir no contexto educacional abarcando o corpo docente, discente e comunidade a qual está inserida a escola, além de se ater às reações e relações de poder que permeiam esse contexto em particular (PATTO, 1997-2004; GUZZO, 2008). Ao tempo que a psicologia enquanto ciência se desenvolvia outra ramificação sua aflorava, a psicologia escolar. Tendo em vista que a amplidão dos fenômenos psíquicos começaram a ser descobertos e passíveis de estudo houve uma maior preocupação em sua análise (DIAS, PATIAS & ABAID, 2014).

A Psicologia Escolar foi uma das áreas pioneiras da psicologia, juntamente com a clínica e a organizacional. Contudo, como a própria profissão demorou um pouco para se encontrar, para se definir enquanto ciência, na explicação de seu objeto de estudo, a psicologia escolar diferente da clínica e da organizacional, de início não tinha delimitado sua atuação, objetivos nesse campo do saber. Diante de tal impasse, os psicólogos escolares passaram a copiar o que já se tinha enquanto de identificação do papel da psicologia, ou seja, tomou como materiais e técnicas de intervenção o que era utilizado na clínica, o campo consagrado da psicologia até nos dias atuais ainda é a referência e predileção de atuação dos profissionais, isso se dá pela elaboração das primeiras grades curriculares da psicologia, a qual sempre teceu uma

significativa influencia em seus estudantes para essa prática a qual tem por principais características, a confecção de avaliações psicológicas, aplicação de testes, a prática da psicoterapia, voltando-se para o atendimento privado e individualizado (GUZZO, 2008; TRIGUEIRO, 2016).

A psicologia escolar era voltada mais para intervenção em problemas educacionais, um atendimento clínico dentro das instituições de ensino, que buscava compreender o aluno no seu contexto escolar, mas infelizmente esquecia de analisar fatores externos (sociais, familiares, econômicos, etc.) que em grande maioria são os causadores de quaisquer desordens ou como alguns estudiosos costumavam falar “fracasso escolar”. Muitas vezes a atuação do psicólogo escolar se limitava a testes e diagnósticos superficiais, o que deveria ser uma atuação compreendida no papel social construtor do novo cidadão pela instituição educacional (GUZZO, 2002; DIAS, PATIAS & ABAID, 2014).

Trigueiro (2016) reforça a ideia de Souza (2007) ao relatar essa intervenção da psicologia escolar tomando como base as premissas da clínica, utilizando a psicometria, além das práticas psicoterápicas voltadas para a reeducação dos alunos “problemas” da escola, ou seja, aqueles estudantes com dificuldades em alcançar o ritmo tido como padrão no que concerne o processo de ensino-aprendizagem. Souza (2009) apresenta que essa atuação do psicólogo gerava uma culpabilização da ineficiência desse processo totalmente no aluno, sendo visto como único responsável pelo seu rendimento escolar. Essa prática ainda se fez presente a pouco tempo, pois só em meados da década de 80 é que houve uma mudança nessa forma de conceber a educação e o educando em si. Pois o processo de ensino aprendizagem passou a ser visto de forma mais ampla e envolvendo todos os atores da comunidade escolar (equipe docente, discente e família), e o estudante passou a ser concebido de forma integral, ou seja, para uma boa educação, deve-se levar em consideração inúmeras variáveis e aspectos da vida do sujeito que influenciam no sucesso desse processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, Jesus *et al* (2014) complementa a ideia acima apresentada, de que o contexto educacional é composto por uma estrutura socioeconômica interpelada pelos grupos de referência do sujeito, como a família, comunidade a qual a escola faz parte e nessa relação e jogo de poder entre as três instâncias família-escola-comunidade, sendo de suma importância para o processo de ensino-aprendizagem a participação de cada uma desses, pois qualquer desajuste, tensão em uma dessas

áreas de suporte do indivíduo, causa uma reação em cadeia, prejudicando a qualidade de seu desempenho.

3.2.1. EVOLUÇÃO DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Historicamente, a Psicologia Escolar procurou executar as teorias psicológicas nas dificuldades de aprendizagem e comportamento encontradas nos alunos, sempre com acompanhamento psicológico, além de preparar os professores também. E assim, o psicólogo escolar passou muito tempo utilizando da prática clínica, utilizando testes psicológicos, em específico, os psicométricos, como principal ferramenta, para verificar se existia ou não possíveis disfunções ou dificuldades, através da capacidade e das habilidades de cada aluno. Eram responsabilizados por todos os seus problemas educacionais e em contrapartida todos os outros fatores sociais eram ignorados, pois o importante era resolver todos os problemas escolares, para que não houvesse nenhum “fracasso” (VIANA & FRANSCHINI, 2016; MARTINS, 2003; LESSA & FACCI, 2007).

Foi a partir da década de 1980 que surgiram críticas as práticas dos psicólogos que atuavam nas escolas, pois os testes aplicados começaram a ser vistos como uma forma simplista, reducionista de ver o indivíduo e todo o processo educacional que acontece no contexto escolar, pois é preciso conhecer o aluno e toda a realidade em que ele está inserido para assim entender de forma mais ampla e profunda sobre como funciona o seu desempenho escolar, não sendo mais bem visto apenas a utilização da psicomетria para direcionar uma intervenção (PATTO, 1997-2004).

Com o passar dos anos novas técnicas foram adquiridas e profissionais com uma visão ampliada foram instruídos, entretanto o avanço ainda não foi suficiente, o sistema educacional do país apresenta grande defasagem e não possui a estruturação necessária e eficaz em todo território, e nem toda instituição de ensino superior propõe a formação adequada para que tais profissionais atuem de forma satisfatória, ou seja, não são instruídos para lidar com a realidade educacional e o contexto social (DIAS, PATIAS & ABAID, 2014).

Diante dessa nova perspectiva, passou a ser levado em consideração que as dificuldades que os alunos se deparavam na escola não derivavam apenas de fatores individuais ou do ambiente onde estavam inseridos, pois observou-se a necessidade de conhecer o contexto educacional e social que possivelmente colaboravam para o

fracasso acadêmico. Era necessário questionar processos, práticas, ideologias e questões políticas presentes nessa realidade educacional e social que referendavam e contribuíam para o desenvolvimento do fracasso escolar em certos grupos socioeconômicos e culturais (PATTO, 1997-2004).

Nessa visão, o professor e a escola acabam se eximindo da responsabilidade pelo dito aluno problema, passando essa responsabilidade ao aluno e família do mesmo, e acabam entregando esse aluno ao psicólogo para que faça uso dos testes de inteligência, personalidade para identificar a problemática nesse aluno que não está conseguindo acompanhar os demais. No outro lado da história, a família acaba culpando a escola e seu corpo docente pelo insucesso do aluno. Diante disso percebe-se que nenhuma das partes busca de forma conjunta com psicólogo resolver a situação, só se preocupando em apontar culpados, e nunca se responsabilizando pelo processo (SOUZA, 2012).

É válido ressaltar que existe uma notória diferença entre psicólogo escolar e psicólogo educacional, o primeiro atua diretamente sobre questões da própria instituição enquanto o segundo trata do processo educacional aplicado pela instituição, mas a atuação de ambos se estende para além do contexto escolar. Estas especialidades são adquiridas mediante a realização de um exame e curso de especialização de responsabilidade do próprio Conselho Federal de Psicologia com a devida comprovação de atuação profissional por no mínimo dois anos e atuação em instituições educacionais pelo mesmo período de tempo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2007; CASSINS, 2007).

A Resolução nº 013/07 do Conselho Federal de Psicologia – CFP, comprova o reconhecimento desta especialização, onde deve ser percebido o desempenho de uma atividade interdisciplinar interligada à contextos educacionais, onde pode ser desenvolvida tanto de forma individual como grupal em forma de tratamento ou prevenção. Deve-se levar em consideração as particularidades do corpo docente e discente, regras da instituição e a partir desta juntamente aos demais componentes da equipe educacional reformula, desenvolve, aplica e afere as políticas e processos educacionais, contribuindo ainda no âmbito administrativo visando aperfeiçoar o sistema na concretização dos objetivos educacionais.

Ademais ao psicólogo escolar incube a inferência no âmbito do ensino-aprendizagem formal e informal, individual ou em grupo, vislumbrando ações que estimulem nesses sujeitos novas habilidades ao tempo que atende suas necessidades

educacionais com tolerância e cuidado. Para que a atuação deste profissional seja eficaz se faz necessário a compreensão e estudo de todo o contexto socio-histórico, político-econômico bem como cultural da comunidade que o sujeito está inserido para se ter uma maior percepção da necessária amplitude de sua atuação (ALMEIDA, 2001; ANDRADA, 2005).

3.3. DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA NO AMBITO ESCOLAR

No campo da psicologia escolar, o profissional de psicologia se depara com inúmeras dificuldades, assim como em qualquer área de atuação, há desafios nos quais aliando teoria e prática com experiência pode-se colher bons frutos. Contudo, nesse campo da psicologia atualmente ainda se fazem presente algumas dificuldades relacionadas a possibilidades de intervenção, métodos e técnicas a serem aplicados. Yamamoto (1990) em seu estudo para analisar a atuação do psicólogo no contexto escolar, elencou as principais dificuldades enfrentadas por esse profissional: a restrita abrangência de materiais específicos na área que possam conferir suporte para o psicólogo, falta de reconhecimento e apoio administrativos da instituições, o descaso da sociedade e conseqüentemente da própria classe profissional e o ponto mais levantado, foi a falta de identificação e definição do seu papel na escola e na equipe. Muitas dessas dificuldades elencadas pelo autor, são evidenciadas na academia, a qual ainda os cursos de graduação são restritos e influenciadores para a atuação na clínica, levando a uma falta de interesse dos estudantes em debruçar-se em outras áreas diferente da clínica.

Balbino (2008) fez uma pesquisa com estagiários do curso de psicologia que estavam atuando em escolas, e identificou algumas dificuldades que os próprios relataram em sua experiência no estágio. O ponto mais levantado foi o despreparo acadêmico para intervirem nesse campo, o descaso dos professores e preceptores em repassarem mais informações sobre o assunto, além da insuficiência de recursos mínimos para o desenvolvimento de atividades básicas no campo, e tal descaso da área em si ocasiona um desinteresse da sociedade, em especial a comunidade escolar da importância de tal profissional em suas instituições de ensino.

Uma das principais dificuldades dos psicólogos na atuação escolar, está na insegurança decorrente do despreparo acadêmico, isso devido a restrições das

grades curriculares da graduação de psicologia, de base clínica, individual, privada. Diante disso se não passarem por estágios nas escolas, o profissional adentra o mercado de trabalho sem um laboratório de vivências, uma bagagem mínima para atuação nessa realidade complexa, com muitos atores e fatores que se retroalimentam no processo de ensino-aprendizagem. Muito das restrições nesse campo foram construídas durante a atuação da psicologia nesse campo, baseada no modelo clínico, médico, individualizante, rotulados, e tais práticas limitaram a atuação e conseqüentemente a visibilidade social do psicólogo escolar (GUZZO, 2008).

Diante das dificuldades discutidas até então nesse capítulo, nota-se que a psicologia escolar passou por adaptações necessárias para se ter uma intervenção mais eficiente e condizente com as demandas do campo e dos atores em específico, assim, nota-se a importância desse profissional na atuação multiprofissional e colaborativa com a comunidade escolar, não mais para identificar e rotular, mas para mediar as relações e contribuir com o saber até então desenvolvido da psicologia para melhoria da qualidade de vida e conseqüentemente no processo de ensino-aprendizagem (SOUZA, 2012; TRIGUEIRO, 2015-2016).

3.4. CONTRIBUIÇÃO DO SABER PSICOLÓGICO PARA O AMBIENTE ESCOLAR

Segundo Viana e Franschini (2016), o psicólogo deve atuar de forma conjunta com o corpo docente e discente da instituição, além de trazer a família para participar de forma mais ativa nesse processo de educação, e acima de tudo de formação de sujeito críticos e proativos de modificar sua realidade para melhor. Nesse contexto educacional as principais queixas elencadas pela escola referem-se à falta de atenção, desinteresse, rebeldia e agressividades dos alunos para com os participantes desse ambiente, que acaba interferindo diretamente no bom desempenho e desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem (GUZZO *ET AL*, 2010; BONADIO E MORI, 2013).

Na intervenção nesse meio relacional entre professor-aluno-escola-família, o psicólogo escolar, enquanto agente de mudanças, volta sua atuação na formação de grupos operativos, de apoio psicológico com a presença dos envolvidos nesse contexto com o objetivo de provocar uma reflexão crítica nesses atores sobre a instituição escolar e seus processos que perpassam esse ambiente, como o processo de ensino-aprendizagem, relação entre professor-aluno, e sobre os impactos da

realidade externa a escola que influenciam diretamente nesse processo (FINOCCHIO, 2011).

Nessa perspectiva, o psicólogo busca tirar essa responsabilidade sobre o fracasso escolar ser inteiramente do aluno, para problematizar as questões que circundam esse aluno não só no processo de ensino, mas nas demais áreas de sua vida. Pois o sujeito é um ser biopsicossocial, se não se encontrar em equilíbrios entre essas variáveis, havendo um desajuste em uma delas, conseqüentemente afetará as demais, e conjuntamente, encontrar formas alternativas de enfrentá-la (LESSA E FACCI, 2009).

Para Andaló (1984), a área escolar é um campo muito rico para a prática psicológica, porém, é pouca valorizada e assim, inexplorada pelos profissionais, ocasionando um desinteresse pela atuação na área. Sendo que o papel do psicólogo nesse contexto ainda se encontra mal delimitado muito devido por essas questões acima citadas. Martins (2003) ainda problematiza essas evidências apresentadas pela autora, que inicialmente a psicologia tinha uma atuação restritamente clínica no ambiente escolar, pautada no modelo médico de trabalhar na perspectiva de saúde e doença para elaborar um diagnóstico rotulador do aluno.

Porém, sua atuação vem sendo modificada ao longo do desenvolvimento e amadurecimento da profissão, exercendo como papel de educador, com a finalidade de facilitar a qualidade e eficiência desse processo educacional a partir dos saberes da psicologia, buscando a participação da família, equipe das instituições de ensino, comunidade a qual a escola está inserida e não menos importante, a participação ativa do estudante que não passa a ser mais quisto enquanto único responsável pelo seu processo de ensino-aprendizagem, mas todos os envolvidos já mencionados (FREIRE, 2008).

A atuação deste profissional deve primar pela prevenção e promoção da saúde mental dos estudantes, mas sem pôr de lado os contextos que perpassam a prevenção e requerem sim o devido tratamento. Mas esta mesma atuação pode possuir facetas distintas, além das atividades de praxe ele possui a liberdade de adequar ações positivas e mais inclusivas, como grupos de discussão, essas experiências promovem a criação de um espaço que facilita a visualização de dificuldades compartilhadas e potencialização de suas resoluções (SOUZA, 2012).

Diante dessa demanda e contextualização, a psicologia requer além de uma postura crítica, uma postura política voltada para a realidade social. Desta feita deve

ser instruída expandindo e agregando diversas teorias metodológicas para aporte da área educacional, devendo reestruturar-se aos moldes da realidade desta nação, buscando novos conhecimentos assim como desenvolvendo novas visões para uma mesma problemática, consolidando sua atuação num processo de interdisciplinaridade (ALMEIRDA, 2001; BARBOSA, 2010).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola apresenta-se enquanto uma instituição social responsável pela mediação entre sujeito e a sociedade em conjunto com a família enquanto primeira instituição social do sujeito, com o objetivo da transmissão da cultura, modelos sociais de condutas e valores. Mas ela não surgiu de repente e já com essas propostas psicossociais já definidas e bem estruturadas, ela passou por inúmeras transformações de acordo com as necessidades de cada época (FREIRE, 1979; VEIGA, 1995).

A psicologia é uma ciência que possui inúmeras raízes, abordagens nas diversas áreas do conhecimento, e assim, possui um campo vasto para sua atuação, já que o seu objeto de estudo é o ser humano. Diante disso, observa-se mediante uma análise do desenvolvimento da psicologia enquanto ciência e profissão que desde a sua gênese e que perdura até os dias atuais, a atuação do psicólogo ainda possui uma base fortemente ligada a clínica, não que seja algo prejudicial, pois teve uma contribuição significativa para a definição do papel do psicólogo na sociedade, mas a prática clínica não condiz com a realidade de inúmeros espaços de intervenção, um deles é a escola.

Sendo que de início observou-se de forma quase que totalitária, o uso dos saberes e técnicas clínicas, especificamente da psicometria, na atuação do psicólogo nesse campo. E assim, trouxe malefícios para esse contexto, um deles se configura no reforço do rótulo do “aluno problema”, o qual a psicometria apresentou enquanto dados que o problema de aprendizagem seria de responsabilidade exclusiva do aluno, deixando assim, de responsabilizar os demais atores que compõe a comunidade escolar (família, equipe docente e discente).

Posteriormente com o desenvolvimento da psicologia no contexto geral e embasado pelas práticas até então desenvolvidas na área escolar, teóricos foram apresentando contribuições críticas frente as demandas escolares, e assim, uma compreensão mais ampla do processo de ensino-aprendizagem. Ao invés de

culpabilizar exclusivamente o aluno, agora todos passam a ser responsabilizados por esse processo, desde os professores até as famílias.

A nova perspectiva do psicólogo escolar passou de um profissional responsável por identificar problemas de aprendizagem no aluno, para ser um profissional envolvido não só com o processo de ensino aprendizagem na comunidade escolar, mas também um agente de mudanças, um mediador de relações entre os atores da comunidade escolar. Fornecendo ferramentas para a transformação da escola que abarque às exigências sociais atuais condizente a era da informação e não de uma educação bancária pautada ainda na revolução industrial, repensando assim, práticas e saberes aplicados nesse contexto.

Diante do que foi apresentado nesse trabalho, foi possível perceber que a demanda para Psicologia Escolar é complexa e desafiante, tal fato corrobora para a elaboração de novas estratégias e olhares para os fenômenos que permeiam esse contexto tão rico para a psicologia e demais saberes que buscam melhorias em relação a qualidade do ensino que refletirá diretamente na formação de cidadãos mais ativos e criativos para mudarem suas realidades para melhor. A atuação do psicólogo deve estar pautada nos conhecimentos já adquiridos no decorrer da história da profissão, além da necessidade de rever estratégias e posicionamentos para readaptá-los a nova realidade e necessidades. Sendo que o profissional de psicologia atuando no contexto educacional não tem e deve apresentar a solução, mas deve construir de forma conjunta com os atores desse contexto as formas de solucionar as demandas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra Francesca. C. O Psicólogo Escolar e os Impasses da Educação: Implicações da(s) Teoria(s) na Atuação Profissional. Em Z. Del Prette (Org). **Psicologia Escolar e Educacional, saúde e qualidade de Vida** (pp. 43-57). Campinas, SP: Alínea. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000116&pid=S1414-9893201000020001100001&lng=pt. Acesso em: 21 de Nov. de 2018.
- ANDALÓ, Carmem Sila de Arruda. O papel do psicólogo escolar. **Rev. Psicologia, Ciência e Profissão**. v.4 n.1 Brasília - DF, 1984. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v4n1/09.pdf>. Acesso em: 23 de Set. de 2018.
- ANDRADA, Edla Grisard Caldeira de. Novos Paradigmas na prática do psicólogo escolar. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 18(2), 196-199. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27470.pdf>. Acesso em: 20 de Mai. De 2019.
- BALBINO, Viviana C. Rios. Estágios em psicologia escolar: reflexões e relato de uma pesquisa na Universidade Federal do Ceará. Em V. C. R. Balbino (Org.), **Psicologia e psicologia escolar no Brasil: formação acadêmica, praxis e compromisso com as demandas sociais** (pp. 52-68). São Paulo: Summus, 2008.
- BARBOSA, Rejane Maria & MARINHO-ARAÚJO, Clasy Maria. Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 27(3), 393-402. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300011. Acesso em: 20 de MAI. DE 2019.
- BONADIO, Rosana Aparecida Albuquerque; MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade: diagnóstico da prática pedagógica**. Maringá: Eduem, 2013, 251 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/963vf/pdf/bonadio-9788576286578.pdf>. Acesso em: 30 de ago. de 2018.
- CASSINS, Ana Maria. **Manual de Psicologia escolar-educacional**. Conselho Regional de Psicologia do Paraná. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado. 2007.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2007). Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro nº 013/07. Recuperado: 07 jan 2011. Disponível: http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2007_13.pdf
- DIAS, Ana Cristina Garcia; PATIAS, Naiana Dapieve; ABAID, Josiane Lieberknecht Wathier. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: Algumas reflexões. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 18, Número 1, Janeiro/Abril de 2014: 105-111. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n1/v18n1a11.pdf>. Acesso em: 16 de Mai. De 2019.
- FINO, Carlos Nogueira. Demolir os muros da fábrica de ensinar. **Humanae**, Revista Eletrônica da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA (ISSN 1517-7602)Vol. 1, (4),

45-54. 2011. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/h-4-4carlosNogueiraFino.pdf>. Acesso em: 18 de Mai. De 2019.

FINOCCHIO, Ana Lúcia Ferra. Acompanhamento escolar da criança com dificuldades de aprendizagem: proposta de intervenção psicoeducacional. **X Congresso nacional de psicologia escolar educacional – CONPE**. Paraná. 2011. Disponível em: <http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/40.pdf>. Acesso em: 14 de Set. de 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GUZZO, R. (org). **Psicologia Escolar: LDB e educação hoje**. São Paulo: Alínea. 2002.

_____. **Psicologia em instituições escolares e educacionais**. Em Conselho Federal de Psicologia (Org.), Ano da psicologia na educação- textos geradores. Brasília, 2008.

_____, MEZZALIRA, Adinete, MOREIRA, Ana Paula Gomes, TIZZEI, Raquel Pondian, & SILVA NETO Walter Mariano de Faria. Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação. **Psicologia.: Teoria e Pesquisa**, 26, 131-141. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500012. Acesso em: 20 de Mai. De 2019.

LESSA, Patrícia Vaz; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. O psicólogo escolar e seu trabalho frente ao fracasso escolar numa perspectiva crítica. **IX Congresso nacional de psicologia escolar educacional**, São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.abrapee.psc.br/documentos/cd_ix_conpe/ixconpe_arquivos/19.pdf Acesso em: 20 de Set. de 2018.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, João Batista. A atuação do psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. **Rev. Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 8, n. 2, p. 39-45, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a04.pdf> Acesso em: 31 de Ago. de 2018.

MENDONÇA, Gismália Marcelino. **Manual de normatização para apresentações de trabalhos acadêmicos**. ed. Unifacs, Salvador, BA, 2011.

PATTO, Maria. (org). (1997). **Introdução à psicologia escolar**. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Editora Feevale, 2013.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Prontuários revelando os bastidores; do atendimento psicológico à queixa escolar. Em B. P. Souza (Org.), **Orientação à queixa escolar** (pp. 27-58). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007.

_____. Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. *Psicologia Escolar e Educacional*. **Psicol. esc. educ.** v.13 n.1 Campinas 13(1), 179-182. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000100021. Acesso em: 20 de Mai. De 2019.

SOUZA, Felipe. **Intervenção psicológica nas escolas: a importância do pensamento crítico**, 2012. Disponível em: <http://www.psicologiamsn.com/2012/12/intervencao-psicologica-nas-escolas-a-importancia-do-pensamento-critico.html> Acesso em 20 de Set. de 2018.

TRIGUEIRO, Emilia Suitiberta de Oliveira. A Psicologia Escolar e o estudante de Psicologia: elementos para o debate. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 19, Número 2, Maio/Agosto de 2015: 223-231. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n2/2175-3539-pee-19-02-00223.pdf>. Acesso em: 02 de Abr. de 2019.

_____. Breve contextualização da educação brasileira. **Educação em Debate**, Fortaleza, ano 38, nº 72 - jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicosfaced.ufc.br/index.php/educacaoemdebate/article/download/59/23>. Acesso em: 02 de Abr. de 2019

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. A psicologia escolar em Natal: características e perspectivas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 10 (2-3-4), 40-49. 1990. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931990000200007. Acesso em: 20 de Mai. De 2019.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível**. Papyrus, 24^a ed. 1995.

VIANA, Meire Nunes; FRANSCHINI, Rosângela. (Org.). **Psicologia Escolar: que fazer é esse?** Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2016.